



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**BOAS  
FESTAS**

Meus meninos:

**S**INTO pulsar os vossos corações, num alegre alvorôço, pela quadra maravilhosa do Natal.

Os vossos olhos, dois olhinhos irrequietos e curiosos, são pequenos para a infinidade de brinquedos que enchem as montras, rutilantes da Baixa!

Pelas ruas, vendedeiras ambulantes, ajoujadas ao pé dos longos cestos de verga, exibem um amontoado de bonecos garridos, engraçados na sua ingenuidade e que fazem voltar a cabeça a todos os pequenitos que passam.

E o sonho lindo da Noite de Natal?! Á meia noite em ponto, enquanto tudo dorme, o simpático velhinho de longas barbas brancas, virá, cautelosamente, encher, com belos presentes, os sapatinhos dos mais pequenos habitantes da casa!

Mas sabem os meus queridos amiguinhos o que é preciso fazer para que os vossos sapatinhos apareçam recheados de brinquedos? Não basta deixá-los sôbre a chaminé e aguardar

*(Continua na página 6)*

# A INFELICIDADE DO DOUTOR BOTICÃO

Por ANAO IGNORANTAO

**C**OMO o meu colega Sabichão me deu licença, a-pesar-de não sêr lá de muito boa vontade, mas eu sou um maráu que não me preocupo com ninharias, por isso aqui estou, rapazinhos e rapariguinhas, para lhes contar casos reinadios que me venham ao toutiço.

Desta vez, vai um, a que puz o nome de *infelicidade!*

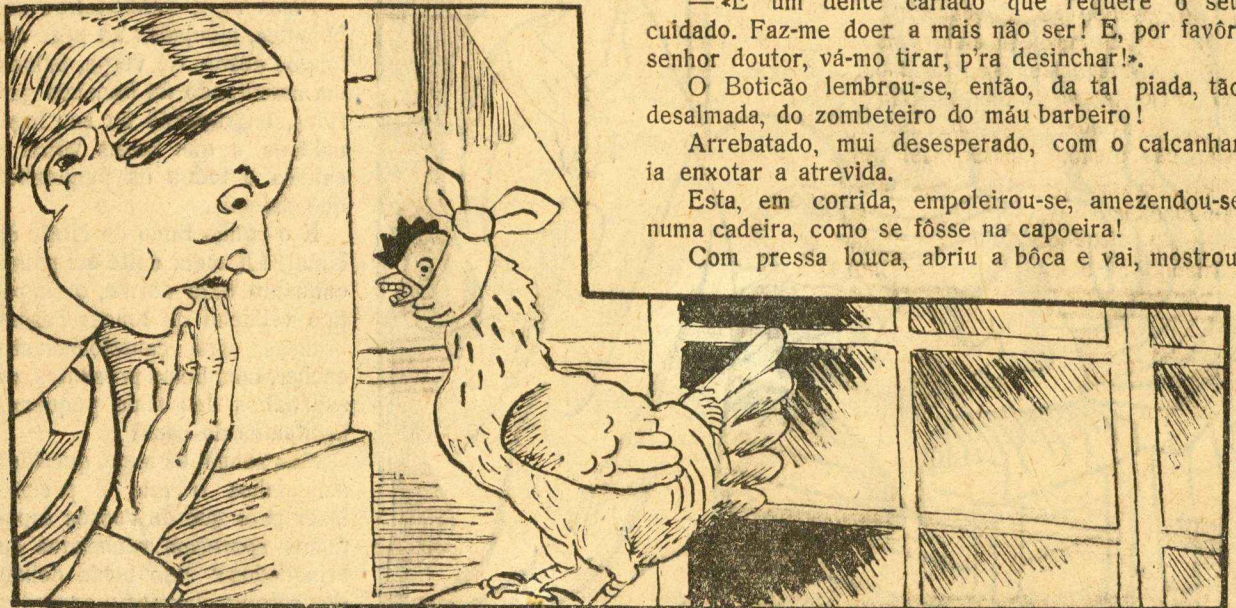
Verão, no entanto, que a história não os fará chorar, mas sim berrar e exclamar:

Pois, sim senhor,  
êste doutor,  
da invenção,  
do tal anão,  
é figurão,  
com um feitio,  
mais reinadio,  
que muito rimos,  
e divertimos  
com esta história  
tão irrisória!

No consultório do simplório pobre doutor, nem por favôr lá aparecia, com avaria em qualquer dente, um cliente!

E o culpado era o malvado dum tal barbeiro que, zombeteiro, só repetia e só dizia, à bôca cheia, lá na aldeia:

— Quando as galinhas tiverem dentes, terá, então, o Boticão, bons clientes! — e ria, ria, numa alegria, pelo dichote, todo farçote e pela arrelia que assim fazia, ao fatalista do tal dentista!



Sempre à espera dum acidente que lhe trouxesse qualquer doente, o infeliz do Boticão, numa alição, olhava a porta que não se abria, que não bolia!

Assim, correu perto dum mês, sem um freguês!

Desapontado, muito escamado, o bom dentista, já terrorista, maldizia tal cirurgia que não lhe dava qualquer quantia para a padaria:

Mas, certo dia, o bom doutor, com que tremôr não viu entrar, a cacarejar, uma galinha, bem doentinha!

Trazia o queixo todo amarrado e muito inchado e só gemia, em cantoria:

— «E um dente cariado que requiere o seu cuidado. Faz-me doer a mais não ser! E, por favôr, senhor doutor, vá-mo tirar, p'ra desinchar!».

O Boticão lembrou-se, então, da tal piada, tão desalmada, do zombeteiro do máu barbeiro!

Arrebatado, mui desesperado, com o calcanhar ia enxotar a atrevida.

Esta, em corrida, empoleirou-se, amezendou-se numa cadeira, como se fôsse na capoeira!

Com pressa louca, abriu a bôca e vai, mostrou,

# CONTO de NATAL POR MANUEL FERREIRA

**Q**UAL a maneira de realizar o Natal do escoteiro? — dizia, repetidas vezes, o bom Anibal, no dia consagrado ao Deus-Menino.

Começou a pensar. De facto, não havia, naquele momento, oportunidade para pôr em prática o seu plano. Se bem que, todos os dias, no cumprimento dos seus deveres escotistas, cometesse uma boa acção, todavia, nesse dia tão festejado, desejava fazer alguma cousa de novo.

Safu para admirar as montras, onde junto de pinheiros iluminados, os doces e os bôlos despertavam a cobiça dos rapasitos da rua.

Nisto, viu um bando de garotos. E, um deles, disse, dirigindo-se aos outros:

— Vocês vêm ali aquele rapaz?... É escoteiro. Não sei para que servirá «aquilo», aquele fato tão exqu岸ito, aquela maneira de êles andarem...

O rapasito, a quem os outros designavam por Luís, passou perto de Anibal. Este perguntou-lhe:

— Olha lá, mas tu sabes o que é ser escoteiro?

— Se quere que lhe diga, não sei — tartamudeou o garoto — mas tenho ouvido dizer que são rapazes que vão aos domingos passar o dia no campo.

— Ora venham comigo! — disse Anibal.

Os rapazes seguiram o escoteiro. Este entrou na sede, que era ali próxima, indicou, aos rapazes, bancos para se sentarem e começou:

— Manhãzinha cedo, o escoteiro vai para o campo, pela estrada fora, enquanto a passarada o saúda. Canta lindas canções. As vezes vêm nascer o sol. Vocês já admiraram êsse lindo espectáculo?

— Não. A gente levanta-se às 9 horas! — respondeu um dos garotos.

— Tudo está verde, orvalho, o céu muito limpo e azul. Umaz vezes acampam no mato, de baixo de arvoredo, outras, junto do oceano. Ao centro,

põem a bandeira, que é o altar da Pátria, ao qual os escoteiros elevam as suas orações. Fazem a comida...

— A comida? — perguntou o Luís, admirado.

— Sim, a comida. Passam dias e noites a vida ao ar livre. Jogam, correm e saltam, nas horas vagas.

— Que mais fazem êles? — perguntou outro rapasito, interessado.



— Constroem pontes, acendem o lume, sobem às árvores, não para arrancar os ninhos mas para verem o horizonte, conhecem os hábitos dos animais e das plantas. Lá longe, os escoteiros comunicam uns com os outros, com sinais e apitos. Seguem caminhos, guiados pelas estrélas ou pelo sol. Sabem desenhar, coleccionar, remar...

— Que mais? — perguntou o Luís.

— Conhecem os animais pelas pégadas, as árvores pelas folhas, as plantas úteis e as venenosas. Por tudo isto, o escoteiro tem saúde, força e energia, está «álerta», «sempre pronto» para praticar o Bem. Auxilia, aconselha.

O escoteiro é verdadeiro e leal, todos os dias pratica uma boa acção. Conhece bem o seu País, a sua organização e a sua História. Ama a sua terra e adora-a, quando, nas noites de luar, contempla a Natureza. No Escotismo está sempre um por todos e estão todos por um.

Olhem lá, vocês andam na Escola?

— Andamos — responderam os rapazes, em côro.

— Pois bem — continuou, satisfeito Anibal. — Na Escola conhecem as estrélas, pelos livros, e decoram-nas; no escotismo, vão por um caminho fera, de noite, e têm de se saber orientar por elas. Na Escola, aprendem a prestar socorros; no campo, sabem socorrer um camarada ferido, fazer uma ligadura com o lenço, uma cama com as varas e as blusas. Na Escola conhecem o desenho e os trabalhos manuais; na sede escotista, sabem carpintear varas e estacas, e no campo, desenhar do natural, uma árvore, um moínho ou um bicharoco. No recreio da Escola, vocês jogam ao «xeixo» e às corridas; no escotismo, aprendem a ver sem ser vistos, a ouvir as passadas, a levar um recado, de umas tantas palavras, a uma certa distância. Na Escola, precisam de memória para aprender as lições; no escotismo, desenvolve-se a memória com jogos, descrições e responsabilidades.

Mas, acima de tudo, o escotismo desenvolve hábitos de grandeza moral com o seu lindo código de honra. Na Escola, os meninos aprendem na História de Portugal, a conhecer, mais ou menos, os vultos de outrora; no es-

(Continua na página 7)

apresentou, a dentaadura de tal brancura, que o mestre Escama, pronto exclama, aparvalhado, admirado:

— «Não sei se devo acreditar num caso, assim, tão singular!

Com prudência, com paciência, examinou e reparou que o que ela tinha, a tal galinha, era um dente, muito doente. Em tão mau estado, tão cariado que, com cuidado, lho extraiu e nem sequer ela boliu!

E depois, aliviada, largou logo esta piada:

— «Apare aí, senhor doutor!»

Com um jeito e um trajeito, deu ao corpo um safanão.

De roldão, um ovo saiu e vai, caiu nas mãos do esfomeado que o recebeu de bem bom grado!

— «Sem enxovalho, essa é a paga do seu trabalho!» — diz a galinha, muito tolinha, com ar pedante, muito importante.

O bom papalvo olhou para o ovo que era tão

alvo, e como o consome já muita fome, pronto o partiu e o enguliu.

Mas a suar, a blasfemar, teve logo de o vomitar!

O tal presente, de paga ao dente, o tal ovinho tão bonitinho, tão cobiçado, estava estragado!

Indignado, o desgraçado, numa agonia, assim gemia:

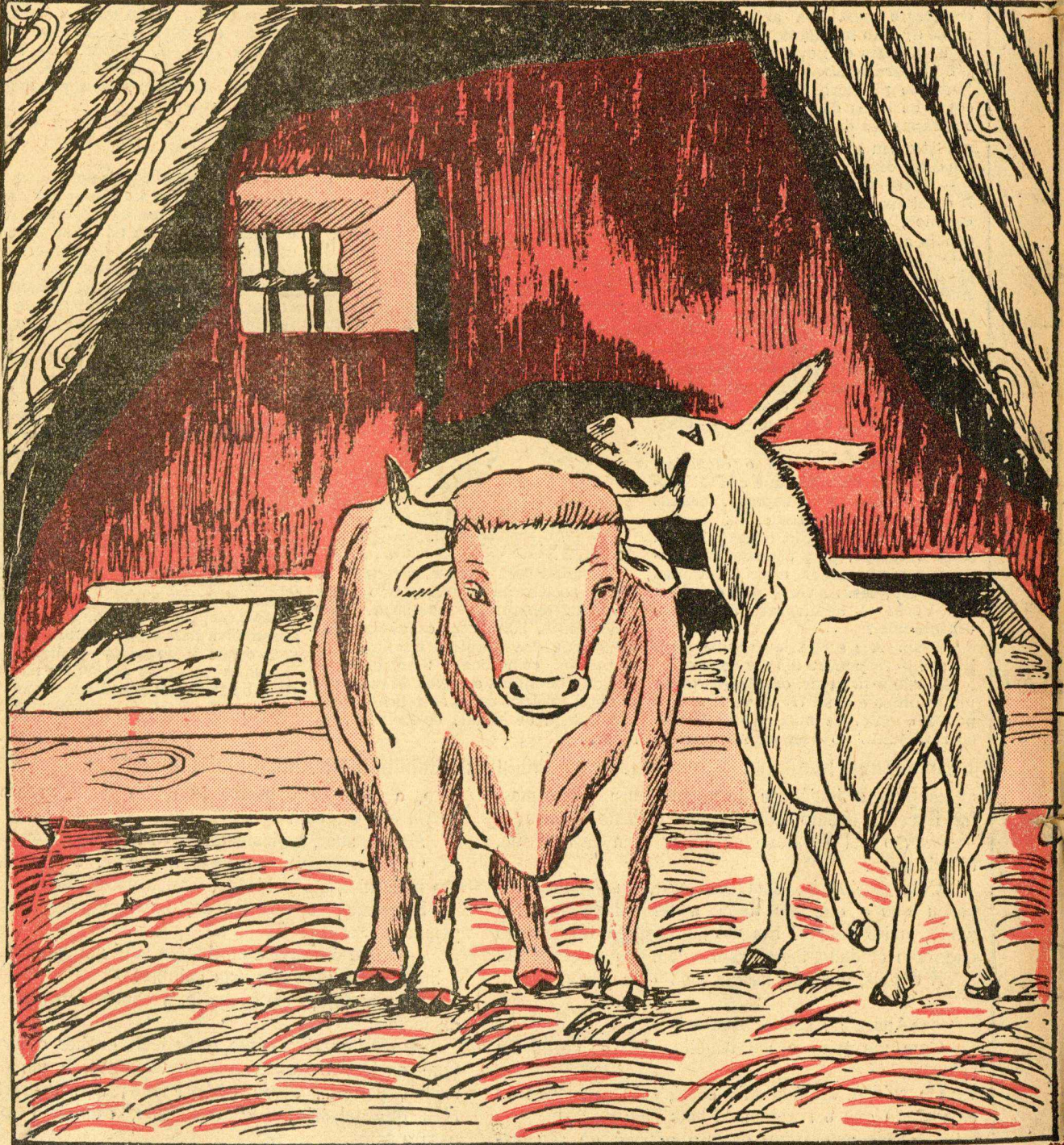
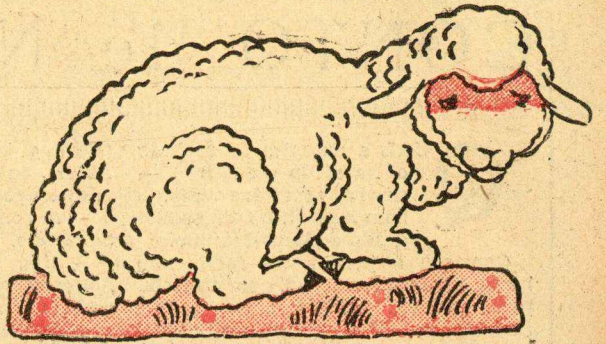
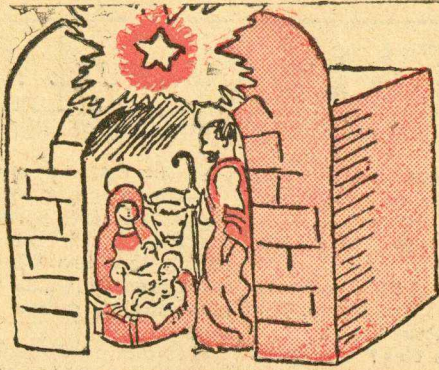
— O ovo é mau! Se eu tivesse aqui um pau, perdia a linha e era uma vez uma galinha!

Num motejo, num cacarejo, a cliente, irreverente, exclamou:

— «Ah! querias, então, ó Boticão, encher o ôdre? Que eu te entregasse, que eu te ofertasse um ovo fresco, por um dente pôdre? Mas que usurário! Mas que falsário! — e, desabrída, caminhou logo para a saída.

Desde êsse dia, por picardia, o consultório ficou fechado e ninguém sabe, no povoado, o que foi feito do tal dentista, tão fatalista!

27





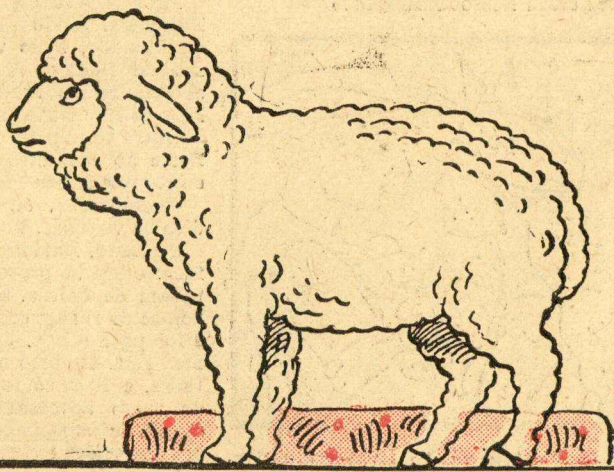
■  
**PRESEPIO**  
~~~~~

CONSTRUÇÃO  
PARA ARMAR

OFERTA

DO

«PIM-PAM-PUM»



# O BALÃO VERDE

POR GRACIETTE BRANCO

**P**ELO passeio estreito e apertado, duma rua de grande movimento, comprimia-se o povo atarefado, num vai-vem agitado e barulhento.

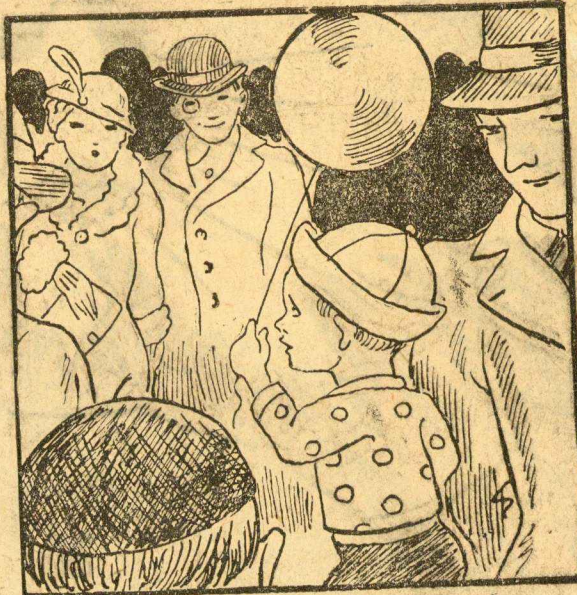
Buzinas fortes, atroando os Céus!  
Anúncios rebrilhando na noitinha,  
e nos rostos, nos corpos, nos chapéus,  
brincava, alegre, a chuva miúdinha.

O movimento rápido, incessante!  
Sufocava-se, quási, no passeio...  
a multidão cansada e ofegante,  
rompia a custo, tropeçando a meio.

Mas ninguém recuava. E lá seguia  
o formigueiro humano, resignado...  
O sinaleiro, apático, esgrimia,  
com inimigo oculto, e ignorado...!

Súbitamente, um grito dominante,  
fez estacar, surpresa, a multidão!  
Uma voz exclamou, firme, arrogante;  
— «Cuidado! Vai aqui o meu balão!»

Volta-se toda a gente. E então surgiu  
uma linda criança de seis anos,  
levando, na mãozinha, pelo fio,  
um balõesito, em modos soberanos.



E essa gente prosaica, fria, avara,  
sorri, da ingenuidade do petiz.  
E, por milagre, o movimento pára,  
e ele caminha impávido e feliz...

O balõesito verde, direitinho,  
cheio de orgulho, prêso pela guita,  
segue, também, alegre, o seu caminho,  
emquanto o ar suavemente, o agita...

Altercação, pedidos, não há nada,  
que ponha um freio à multidão que avança.  
Mas eis que fica prêsa, dominada,  
pelo simples balão duma criança!

## UMA LENDA

(Continuado do número anterior)

— «Está bem — retorquiu a formosa prisioneira. Daqui a uns meses, volta cá e se, de facto, fôres um homem justo e bom, como dizes, já não encontrarás esta torre de marfim, mas um palácio que será teu e uma aliança de noivado.»

O cruzado partiu para longe, para a Terra Santa. Andou por lá procurando proceder sempre bem. Mas, vencida a resistência de um baluarte mourisco, quando todos os cruzados se entregavam à pilhagem, o nosso homem entrou também no saque.

Fora disso, a sua conducta era de tal ordem que seus companheiros diziam:

— «O nosso irmão Godofredo parece um espírito celeste. Andará ele envolvido em qualquer mistério? Sempre abstracto, melancólico, visionário...»

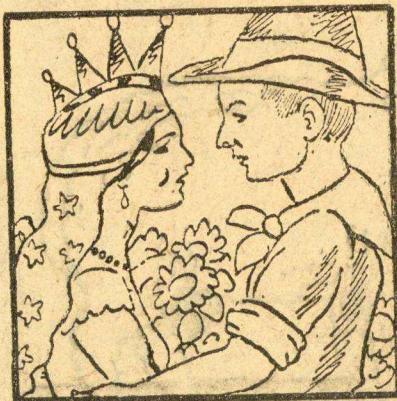
Terminada a sua missão, o cruzado regressou. Mas ao ver o castelo de marfim e a prisioneira, ao cavaleiro pouco faltou para cair no chão, desamparado...

Flôr-de-lis observou-lhe:

— «Não conseguiste o que desejavas.

Cometestes uma falta. Não respeitaste os haveres do teu inimigo...»

— «Mas — tartamudeou o cruzado, querendo defender a sua má acção — eles eram nossos inimigos!»



— «Por isso mesmo — retorquiu Flôr-de-lis. — Pois deve dar-se aos adversários exemplos de bondade e de honradez. Deve respeitar-se o inimigo, quando é valente e deve perdoar-se

porque o perdão é o mais nobre e suave castigo.»

O cruzado retirou-se, pesaroso e a princesa lá ficou esperando.

Agora, um cavaleiro antigo, chamado Baldmiro, tendo na cabeça um elmo emplumado, e no vulto airoso, o braço de fidalgo, montante reluzente, acercou-se da torre misteriosa onde Flôr-de-lis estava prisioneira.

Outra vez a princesa teve esperança. Disse ao cavaleiro o que devia fazer, e este respondeu-lhe:

— «Senhora, eu julgo-me um modelo de virtudes. Vou tentar!»

De facto, Baldmiro desatou depois a fazer o bem, a proteger os que necessitavam de defesa. Mas, um dia, travou-se de razões com um companheiro e foi para a liça, bater-se, no torneio medieval. E como a multidão os incitasse, a luta só terminou pela morte do outro adversário, enquanto Baldmiro, entusiasmado, recebia os aplausos dos vilões embrutecidos.

Voltando, o cavaleiro viu a torre onde já supunha ver um palácio. A princesa disse-lhe:

(Continua no próximo numero)

BOAS-FESTAS — (Continuação da página 1)



ansiosamente, o raiar do dia. Não basta, também, pedir, fervorosamente, ao Menino-Jesus!

O que é preciso é proceder sempre bem, ser cumpridor dos seus deveres, amar os Paizinhos, respeitar os velhos, tratar com delicadeza os criados, socorrer os pöbrezinhos, ser estudioso, caritativo, respeitador e obediente.

O menino-Jesus está espreitando por uma janelinha que há no Céu, e dela vai observando os senti-

mentos e as acções dos Meninos da Terra.

Sêde bons, por amor d'Ele, e vereis, na radiosa manhã do dia de Natal, os sapatinhos cheios de brinquedos e a Alma trasbordando de suave e consoladora Alegria.

A todos, num grande e amigo abraço, deseja Bóas Festas

a madrinha

GRACIETTE BRANCO



Oração ao Menino Jesus

Para a Maria Helena resar

**M**EU-bom Menino Jesus  
Enche a minh'alma de luz  
Deslumbradora, sublime,  
Que irradia o teu olhar.  
Dessa luz dôce, sem par,  
Que nos salva e nos redime,

Espalha por sôbre mim  
Tua ternura sem fim.  
Vela pela minha sorte,  
P'ra que minh'alma inocente  
Se conserve sempre crente  
Até à hora da morte.

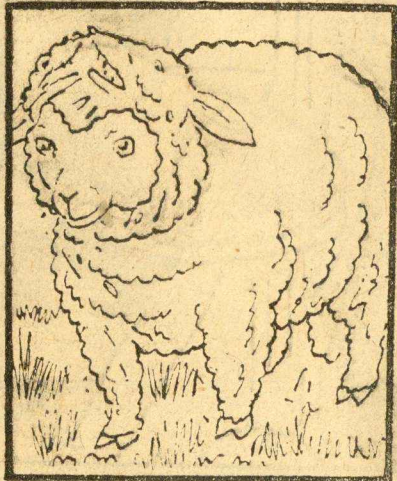
Nesta alma ainda em botão,  
Dentro do meu coração,  
Entorna, por caridade,  
Bons sentimentos, candura,  
Um pouquinho da doçura,  
Da tua imensa bondade.

Torna-me meiga e bondosa,  
Pura, leal, carinhosa,  
Esmoler, compadecida;  
O meu coração inunda  
Duma fé real, profunda,  
Que me acompanhe na vida!

Que sois, faz-mo compreender,  
Tudo quanto pode haver  
De bom, de belo, de santo;  
Que não sou nada, sei bem,  
Mas faz-mo sentir também  
Com o teu suave encanto.

Dá ao meu corpo saúde,  
Ao meu coração, virtude,  
Protege todos os meus.  
Da minha vida enche a taça  
Com os dons da tua Graça,  
Ergue a minh'alma até Deus.

ADIVINHA CONTO DE NATAL



Esta ovelhinha gôrda está prestes a ser comida por um lobo. Vejara se descobrem este e a salvam.

(Conclusão da página 3)

cotismo, em cada artigo da «lei» há um exemplo e, cada rapaz procura imitar êsse exemplo, para poder vir a ser um Grande de Portugal.

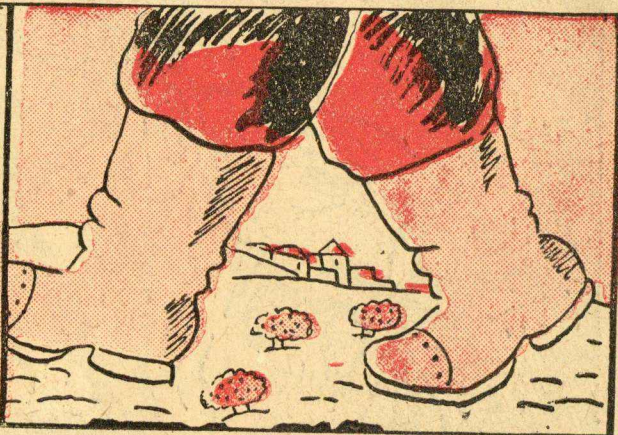
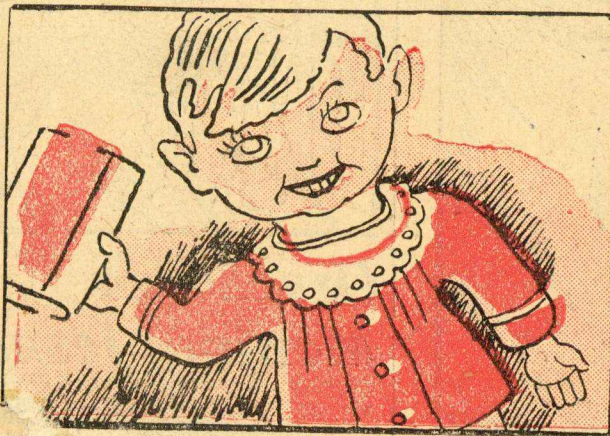
Os rapazes já não saíram da séde sem levarem propostas para escoteiros. Anibal saíu, pouco depois, meditando no caso que lhe deparou uma oportunidade para fazer uma boa acção.

E quando os rapazes prestaram o seu «compromisso», Anibal lembrou, com entusiasmo, o encontro, inesperado, dêsse dia de Natal.

F I M

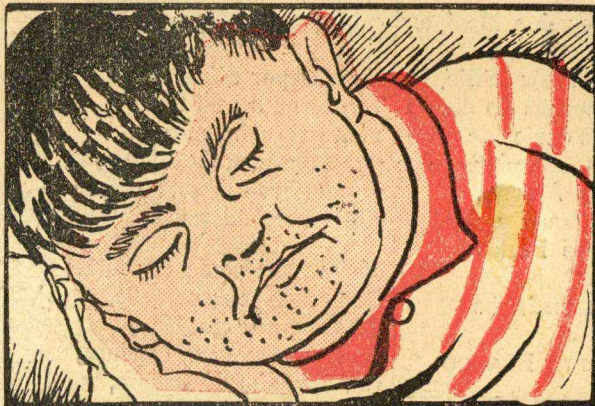
NECO

# A AMBIÇÃO DO CHIQUINHO

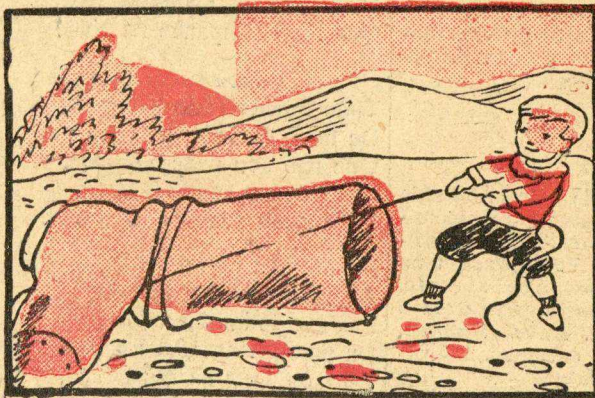
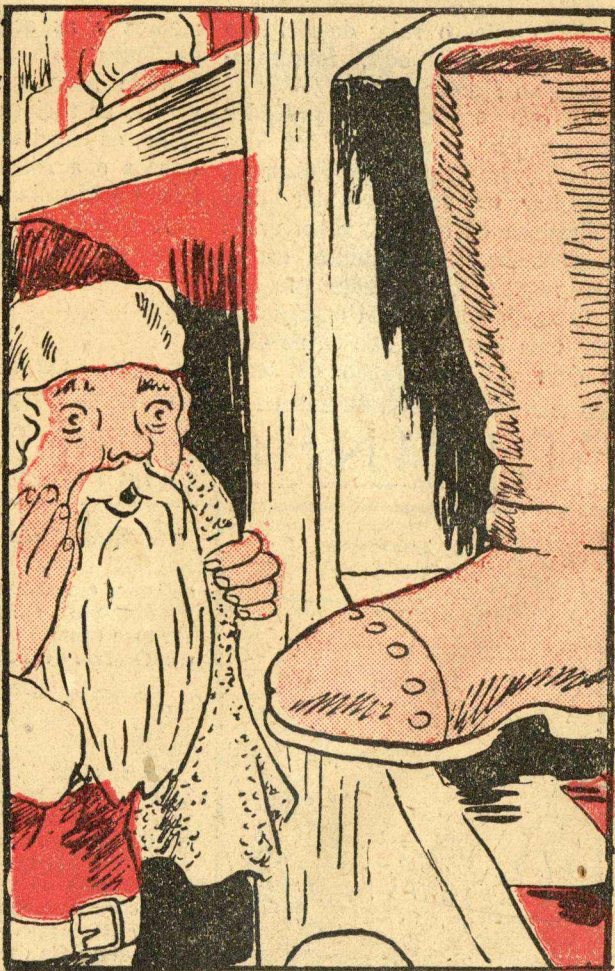


I — O caseiro do papá do Chiquinho Pais Ventura, pesa perto de cem quilos e tem dois metros de altura.

II — Sabendo o nosso Chiquinho que, baixando às chaminés, Jesus poria brinquedos nos sapatos dos bebés,



III — por um processo parrano o Chiquinho surripia uma das botas de cano do caseiro que dormia.



IV — E, levando-a para casa, coloca-a junto ao fogão, certo de que o Pai Natal lhe daria um «presentão».

V — Mas, dentro da grande bota, Pai Natal deixa, porém, um papel com esta nota:  
— *Quem tudo quer, nada tem!*